

Língua Portuguesa, Linguagem e Linguística 2

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

ABC



 **Atena** Editora

Ano 2018

IVAN VALE DE SOUSA

(Organizador)

Língua Portuguesa, Linguagem e Linguística 2

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Edição de Arte e Capa: Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	Língua portuguesa, linguagem e linguística 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. 5.198 kbytes – (Língua Portuguesa; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-85107-12-3 DOI 10.22533/at.ed.123181308 1. Língua portuguesa. 2. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 410
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A identidade de um livro simboliza todos os pensamentos e discussões que se pretendem divulgar aos leitores. Quando escrevemos um texto, de certa forma, os nossos interlocutores nos auxiliam na maneira como as ideias serão organizadas na textualidade dos enunciados e nas finalidades que almejamos atingir.

Se nos convencêssemos de que todo plano textual está inserido nas finalidades de informar, formar, convencer e esclarecer algo aos nossos enunciatários, certamente a forma como enxergaríamos o texto e seus elementos constituintes seria ampliada na diversidade que a língua se realiza nos contextos sociais, pois, de certo modo, escrevemos sempre com objeções considerando um contexto e os saberes do nosso interlocutor.

Necessário sempre será discutir o discutível, refazer o que carece de ser refeito, sobretudo no contexto de produção do conhecimento, já que todo processo de aquisição do saber parte de uma das mais importantes e significativas funções da língua que é comunicação entre os sujeitos. Sempre comunicamos por meio do texto algo a alguém e às suas funções que necessitam ser clarificadas nos atos de dizer e produzir.

As comportas do conhecimento abertas pelas reflexões deste livro se revelam aos diferentes leitores, coadunando-se com a plenitude de como a linguagem assume seu único e verdadeiro objeto de interação entre os sujeitos. Comunicamos porque somos partes do ato comunicativo e com essa convicção é que comunicar representa nossos anseios, bem como os esforços de pesquisadores e estudiosos que apresentam e, ao mesmo tempo, revelam as possibilidades de democratização das questões referentes à linguagem com as metodologias e os planos culturais e de identidades nos usos da língua.

Para legitimar a relevância das discussões reveladas em cada texto presente neste livro, a constituição de um mosaico textual de ideais e concepções são apresentadas por seus autores que propõem socializar os diferentes discursos capazes de sustentar as construções feitas em torno do ensino de Língua Materna, embora os estudos apresentados no referido livro não tenham unicamente a discussão que reverbera o trabalho com processo de ensino e aprendizagem da língua no seu contexto de autonomia e competências, mas da compreensão de que a língua se adeque aos meios sociais e às manifestações culturais.

A legitimidade com que os pesquisadores debruçam suas investigações na produção de cada capítulo justifica-se na plenitude diversa como a língua se expande nos diversos contextos de realização. E na função de perceber que sempre há outras formas de refazer o próprio discurso à luz da diversidade com que a linguagem é que se produz em uma corrente processual e metastásica em que os leitores encontrarão trabalhos referentes ao estudo da palavra, ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, ao processo analítico de obras e textos literários, aos discursos formulados no imaginário cultural e às reflexões metodológicas de trabalho no contexto

escolar.

O todo deste livro se assemelha à construção de um grande quebra-cabeça em que só tem sentido quando são juntadas todas as suas peças na formulação do plano reflexivo capaz de constituir a relevância desta obra. São, pois, ao todo, dezoito trabalhos que transitam entre os contextos da linguagem, da linguística e das intervenções que estruturam o ensino de língua portuguesa e língua estrangeira nos mais variados contextos de aquisição. Sendo assim, uma síntese de cada texto com as marcas de seus autores pode ser revelada a seguir.

O primeiro capítulo, o pesquisador Ivan Vale de Sousa propõe algumas discussões que aproximam o trabalho com a utilização da pesquisa-ação aos procedimentos da sequência didática, que segundo ele são metodologias interacionistas no ensino da linguagem em que, ao mesmo tempo, rediscute como as implicações pedagógicas são capazes de aproximar os sujeitos *professor* e *aluno* da situação comunicativa com o desvelamento de três modelos de sequência didática elaborados à luz dos objetos didáticos no processo de didatização das práticas de linguagem.

As questões discutidas no segundo capítulo são de autorias de Genilda Alves Nascimento Melo, Andreia Quinto dos Santos e Célia Jesus dos Santos Silva, que rediscutem a necessidade do currículo à luz da docência como propostas de pertencimentos, servindo como requisitos fundamentais para o ensino de Língua Materna. No terceiro capítulo, as mesmas autoras com ordem diferente de apresentação das identidades, Célia Jesus dos Santos Silva, Genilda Nascimento Melo e Andreia Quinto dos Santos trazem à discussão o ensino de leitura e da função do suporte livro didático na instituição escolar de educação básica aproximando as reflexões.

Dóris Regina Mieth Dal Magro, no quarto capítulo, revisita as habilidades de leitura e escrita como eixos norteadores para o desenvolvimento do trabalho docente na disciplina de língua portuguesa à luz dos gêneros discursivos como alternativas eficazes na promoção do letramento e na autoria dos estudantes. O quinto capítulo, Nayara da Silva Camargo e Nilson Santos Trindade destacam os aspectos morfossintáticos da língua Tapayuna, especificamente no que se refere às relações pronominais focalizando ao leitor a compreensão desse processo.

No sexto capítulo, Luiz Antonio de Sousa Netto, Rafaela Cunha Costa e Stella Telles estudam a palavra fonológica na língua polissintética Latundê lançando luzes a algumas teorias apresentadas por estudiosos e ancoradas na concepção interacionista da linguagem. O sétimo capítulo, Maria do Perpétuo Socorro Conceição da Silva e Regina Célia Ramos de Almeida apresentam as marcas de oralidade na escrita compreendendo os processos de monotongação e apagamento do [R] final, no contexto de aplicabilidade e intervenção com alunos do ensino médio.

Thays Trindade Maier, no oitavo capítulo, apresenta um relato de experiências com atividades de leitura da literatura infantil, com a finalidade de despertar e promover a competência leitora no ambiente escolar. No nono capítulo, as autoras Katharyni Martins Pontes, Thaís Pereira Romano e Rita de Nazareth Souza Bentes apresentam o

letramento literário como instrumentalização no ensino de alunos surdos e rediscutem a relevância da acessibilidade do aluno surdo ao contexto literário.

No décimo capítulo, Myriam Crestian Cunha e Walkyria Magno e Silva partem do desenvolvimento disciplinar, refletindo os impactos na formação inicial do professor, além de discutir as estratégias metacognitivas na análise de novas propostas metodológicas no aprendizado de línguas estrangeiras. As reflexões que enfocam o décimo primeiro capítulo, Adriane do Socorro Miranda e Polyana Cunha Campos relatam as contribuições do Projeto Pibid no processo de formação inicial de professores de português como Língua Materna, em que os sujeitos participantes emitem suas convicções na função de bolsistas.

No décimo segundo capítulo, Larissa Rizzon da Silva revela como os fatores socioculturais e identitários são relevantes no processo de reabilitação do afásico, em que as discussões se concentram no contexto de socialização do sujeito com a linguagem. O décimo terceiro capítulo, a simbiose do bumba-meu-boi do Maranhão é tematizada nas reflexões de Joaquim de Oliveira Gomes sob a ótica do discurso e da sustentabilidade em que são propostas as aproximações entre a análise dos discursos à luz das toadas com as questões de sustentabilidade capazes de perpetuar a relevância da manifestação.

Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset, no décimo quarto capítulo, investiga as (des)construções do imaginário de ensino de língua portuguesa na formação superior da graduação em Direito lançando luzes para as vertentes e os saberes linguísticos na concepção da análise do discurso (AD). O décimo quinto capítulo, autoria de Katia Cristina Schuhmann Zilio, os sentidos digitais são discutidos como aproximações do uso da tecnologia na educação propondo questões que são respondidas ao longo das reflexões inseridas no texto.

No décimo sexto capítulo, Priscila Ferreira Bentes passeia entre as páginas da narrativa tecida pelo escritor Benedicto Monteiro, descrevendo o movimento de religiosidade no Círio de Nossa Senhora de Nazaré, além disso, a autora do capítulo aproxima as discussões entre literatura e antropologia com toda a riqueza literária presente na obra utilizada como *corpus* de análise. No décimo sétimo capítulo, Margarida da Silveira Corsi e Gilmei Francisco Fleck analisam a dialogia romanesca atentando-se para as releituras do perfil de uma cortesã, esclarecendo que a imbricação das análises culmina para a estruturação do cordel como uma das marcas da brasilidade.

Edvaldo Santos Pereira e Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões, no décimo oitavo e último capítulo, revelam a urbanidade poética como fonte de inspiração e análise, em parte, do poema *Belém e seu poema*, de Bruno Menezes e readmitem que as imagens criadas no gênero literário partem dos múltiplos olhares do cotidiano.

Ao apresentar aos leitores uma síntese do que pode ser encontrado em cada trabalho que compõe este livro, esperamos que as reflexões contribuam com o processo de ampliação do letramento literário, da metodologia de investigação com a linguagem, lance luzes a outros questionamentos e flexibilize a forma de pensar o

ensino de Língua Materna em uma construção de continuidade. Além disso, sabemos ainda que as discussões, doravante, demonstradas podem, de certa forma, ampliarem-se nos mais diversos contextos de aprendizagem em que o leitor transite o caminho também de produtor de outros discursos.

Prof. Me. Ivan Vale de Sousa

Organizador.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
METODOLOGIAS INTERACIONISTAS EM QUESTÃO: PESQUISA-AÇÃO E SEQUÊNCIA DIDÁTICA NO ENSINO DA LINGUAGEM	
<i>Ivan Vale de Sousa</i>	
CAPÍTULO 2	13
'DOCÊNCIA: CURRÍCULO E PERTENCIMENTO – REQUISITOS BÁSICOS PARA O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA	
<i>Genilda Alves Nascimento Melo</i>	
<i>Andreia Quinto dos Santos Célia dos Santos Silva</i>	
CAPÍTULO 3	28
O ENSINO DA LEITURA E O LIVRO DIDÁTICO NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA	
<i>Célia Jesus dos Santos Silva</i>	
<i>Genilda Alves Nascimento Melo</i>	
<i>Andreia Quinto dos Santos</i>	
CAPÍTULO 4	44
LEITURA, ESCRITA E A MEDIAÇÃO DOCENTE NA CONSTITUIÇÃO DA AUTORIA DOS ESTUDANTES	
<i>Dóris Regina Mieth Dal Magro</i>	
CAPÍTULO 5	56
ASPECTO MORFOSSINTÁTICOS DA LÍNGUA TAPAYUNA (JÊ): ELEMENTOS PRONOMINAIS	
<i>Nayara da Silva Camargo</i>	
<i>Nilson Santos Trindade</i>	
CAPÍTULO 6	75
ESTUDOS SOBRE A PALAVRA FONOLÓGICA NA LÍNGUA POLISSINTÉTICA LATUNDÊ (NAMBIKWÁRA DO NORTE)	
<i>Luiz Antonio de Sousa Netto</i>	
<i>Rafaela Cunha Costa</i>	
<i>Stella Telles</i>	
CAPÍTULO 7	85
MARCAS DA ORALIDADE NA ESCRITA: UM ESTUDO SOBRE MONOTONGAÇÃO E APAGAMENTO DO [R] NO ENSINO MÉDIO	
<i>Maria do Perpétuo Socorro Conceição da Silva</i>	
<i>Regina Célia Ramos de Almeida</i>	
CAPÍTULO 8	104
RELATO DE EXPERIÊNCIA APLICADAS NA PRÁTICA DE ENSINO COMO ESTÍMULO A LEITURA	
<i>Thays Trindade Maier</i>	
CAPÍTULO 9	114
LETRAMENTO LITERÁRIO: INSTRUMENTOS E ESTRATÉGIAS NO ENSINO DE ALUNOS SURDOS	
<i>Katharyni Martins Pontes</i>	
<i>Thaís Pereira Romano</i>	
<i>Rita de Nazareth Souza Bentes</i>	
CAPÍTULO 10	124
O IMPACTO DA DISCIPLINA “APRENDER A APRENDER LÍNGUAS ESTRANGEIRAS” NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR: ESTRATÉGIAS METACOGNITIVAS EM ANÁLISE	
<i>Myriam Crestiam Cunha</i>	
<i>Walkyria Magno e Silva</i>	

CAPÍTULO 11	139
AS CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO PIBID NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOB A ÓTICA DOS BOLSISTAS	
<i>Adriane do Socorro Miranda</i> <i>Polyana Cunha Campos</i>	
CAPÍTULO 12	150
A RELEVÂNCIA DOS FATORES SOCIOCULTURAIS E IDENTITÁRIOS NO PROCESSO DE REABILITAÇÃO DO AFÁSICO	
<i>Larissa Rizzon da Silva</i>	
CAPÍTULO 13	159
DISCURSO E SUSTENTABILIDADE NO AUTO DO BUMBA-MEU-BOI DO MARANHÃO	
<i>Joaquim de Oliveira Gomes</i>	
CAPÍTULO 14	169
FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DO IMAGINÁRIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM GRADUAÇÃO DE DIREITO	
<i>Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset</i>	
CAPÍTULO 15	184
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO: SENTIDOS DO DIGITAL	
<i>Katia Cristina Schuhmann Zilio</i>	
CAPÍTULO 16	198
DAS PÁGINAS LITERÁRIAS À EXPERIÊNCIA ANTROPOLÓGICA:UMA VIAGEM N'O CARRO DOS MILAGRES DE BENEDICTO MONTEIRO	
<i>Priscila Ferreira Bentes</i>	
CAPÍTULO 17	208
DA CAMÉLIA AO MANDACARU: RELEITURAS DO PERFIL DE UMA CORTESÃ	
<i>Margarida da Silveira Corsi</i> <i>Gilmei Francisco Fleck</i>	
CAPÍTULO 18	227
A URBANIDADE POÉTICA DE BRUNO DE MENEZES EM “BELÉM E O SEU POEMA”	
<i>Edvaldo Santos Pereira</i> <i>Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões</i>	
SOBRE O ORGANIZADOR	233

A RELEVÂNCIA DOS FATORES SOCIOCULTURAIS E IDENTITÁRIOS NO PROCESSO DE REABILITAÇÃO DO AFÁSICO

Larissa Rizzon da Silva

Universidade de Caxias do Sul, Programa de
Doutorado em Letras
Caxias do Sul – Rio Grande do Sul

RESUMO: A linguagem é considerada a primeira forma de socialização. A partir da interação com a família, o indivíduo adquire as bases para um desenvolvimento sadio da linguagem, no que diz respeito à forma, ao conteúdo e ao uso. Após esse percurso, o sujeito pode se deparar acometido por um distúrbio de linguagem, que correspondente à alteração no desempenho linguístico. A etiologia pode envolver fatores orgânicos, cognitivos e emocionais. A afasia, por exemplo, é um distúrbio de linguagem causado por uma lesão cerebral adquirida. Conforme a extensão e a localização da lesão cerebral, a pessoa, que ainda possui a linguagem, pode apresentar dificuldades para acessá-la e/ou articulá-la. A fim de promover o diagnóstico e, da melhor maneira possível, entabular condutas para conduzir o processo reabilitatório, é fundamental considerar os fatores identitários e socioculturais, apresentados pelo cérebro-lesado, uma vez que, essas categorias, auxiliam na construção do vínculo entre fonoterapeuta e paciente e no direcionamento das sessões de reabilitação.

PALAVRAS-CHAVE: Afasia; Reabilitação; Identidade; Cultura.

1 | INTRODUÇÃO

O presente ensaio busca investigar a relevância dos fatores identitários e socioculturais no processo de reabilitação de um distúrbio de linguagem, como a afasia, uma vez que esses elementos fornecem subsídios significativos para que o profissional estabeleça condutas que visem ao sucesso do reestabelecimento dos padrões de conectividade na área neurológica lesionada.

Primeiramente, explanar-se-ão os conceitos de linguagem, distúrbios de linguagem, afasia e grau de severidade, e, em seguida, verificar-se-á a ampla relação dos fatores identitários e socioculturais no processo de reabilitação do afásico.

2 | LINGUAGEM

A linguagem é uma das funções especializadas do córtex cerebral e é desenvolvida através do funcionamento de estruturas anatomofuncionais e de estímulos socioambientais (SCHIRMER et al, 2004, p. 95).

Para Prates e Martins (2011, p. 54), “a aquisição normal da linguagem é dependente de uma série de fatores como o contexto social, familiar e histórico pré, peri e pós-natal do

indivíduo, suas experiências, capacidades cognitivas e orgânico-funcionais”. Todavia, para Mousinho et al. (2008, p. 297), a aquisição da linguagem depende de um aparato neurobiológico e social, ou seja,

de um bom desenvolvimento de todas as estruturas cerebrais, de um parto sem intercorrências e da interação social desde sua concepção. Em outras palavras, apesar de longas discussões sobre o fato da linguagem ser inata ou aprendida, hoje a maior parte dos estudiosos concorda que há uma interação entre o que a criança traz em termos biológicos e a qualidade dos estímulos do meio.

De acordo com Lamprecht (2004), o indivíduo adquire gradualmente o sistema linguístico e vai desenvolvendo um conhecimento internalizado das unidades da língua e das regras de seu funcionamento para construir significado e para estabelecer comunicação.

Durante o desenvolvimento da linguagem oral,

o indivíduo adquire o inventário fonético e os organiza de acordo com as regras linguísticas da língua materna. Para isso, a criança experimenta diversos processos fonológicos na tentativa de aproximar a sua produção de fala à do adulto para que, aos quatro anos, já tenha condições de produzir e utilizar adequadamente todos os sons da língua materna (PRATES; MARTINS, 2011, p. 56).

Ainda para Prates e Martins (2011), os primeiros anos de vida são fundamentais para o desenvolvimento da linguagem, uma vez que, através da comunicação e da interação com o meio, o indivíduo adquire as bases essenciais para um desenvolvimento sadio, no que diz respeito à forma, ao conteúdo e ao uso. De modo que aos cinco anos de idade, o infante deve assimilar as principais regras gramaticais de sua língua materna e, aos seis anos, deve estar pronto para desenvolver a linguagem escrita.

3 | DISTÚRBIOS DA LINGUAGEM

Para Zorzi (2000, p. 12), os distúrbios de linguagem correspondem a alterações que acometem o desenvolvimento linguístico de um indivíduo, interferindo no uso da língua, na aquisição de vocabulário e na manipulação dos componentes da linguagem, de modo geral. Com isso, o indivíduo pode apresentar troca de sons na fala, dificuldade na elaboração de frases, acervo lexical desfavorecido etc. Esses obstáculos inibem a aprendizagem e a interação com o outro, a ponto de a compreensão e a produção da fala ficarem emaranhadas devido às dificuldades de processamento.

Sabe-se que a origem dos distúrbios de linguagem é ampla. A etiologia pode envolver fatores orgânicos, intelectuais/cognitivos e emocionais, ocorrendo, na maioria das vezes, uma inter-relação entre todos esses fatores.

Além disso, as dificuldades de aprendizagem também podem ocorrer

em concomitância com outras condições desfavoráveis (retardo mental, distúrbio emocional, problemas sensório-motores) ou, ainda, ser acentuadas por influências externas, como, por exemplo, diferenças culturais, instrução insuficiente ou inapropriada (SCHIRMER et al., 2004, p. 97).

Os distúrbios da linguagem podem ser classificados a partir da distinção entre transtornos adquiridos e distúrbios congênitos: (1) déficits dos “instrumentos básicos”, que são indispensáveis à comunicação, como a audição e o aparelho neuromotor especializado; (2) distúrbios neurolinguísticos e linguagem escrita; (3) gagueira; e (4) distúrbios da linguagem em psicopatologia relacionados com carências do ambiente (CHEVRIE-MULLER; NARBONA, 2005).

4 | AFASIA

A afasia é um distúrbio de linguagem causado por uma lesão cerebral adquirida (VAN HOUT, 2005). Nesse contexto, o indivíduo ainda possui a linguagem, mas tem dificuldades em acessá-la e/ou articulá-la. Conforme a extensão e a localização da lesão cerebral, o paciente pode apresentar a perda total ou parcial da capacidade de articulação das palavras, e apresentar outras patologias concomitantemente à afasia (JAKUBOVICZ, 2004).

Concernente a Mac-Kay et al. (2007, p. 51),

o distúrbio de linguagem pode vir acompanhado de modificações no comportamento, nas esperas intelectuais e emocionais, nas atitudes e na personalidade. Os distúrbios afásicos não são relativos somente à localização, extensão e severidade da lesão, mas aos hábitos, experiências, educação e inteligência do paciente.

A afasia é compreendida como uma dificuldade de ativação do desempenho linguístico, de forma que a competência linguística, na maioria dos casos, está preservada. Ressalta-se que a variabilidade de desempenho do afásico é notória, devido à individualização dos trajetos cognitivos de cada indivíduo que é acometido por uma lesão cerebral (JAKUBOVICZ, 2004).

Para a Sociedade Brasileira de Doenças Cerebrovasculares (2016), a origem desses distúrbios envolve desde fatores orgânicos, como hipertensão arterial, diabetes *mellitus*, hiperlipidemia, triglicérides, fibrilação atrial, tabagismo, etilismo e o sedentarismo, até fatores cognitivos e emocionais.

4.1 Tipos de Afasia

Goodglass e Kaplan, em 1972, desenvolveram o Sistema de Classificação de Boston, que divide as afasias em dois grandes grupos: as corticais e as subcorticais. Mac-Kay (2007) descreve a localização e a classificação das afasias corticais, conforme o Quadro 1. Enquanto que as afasias subcorticais, concernente à Mac-Kay et al. (2007), dizem respeito às lesões subcorticais, localizadas no hemisfério esquerdo, e em estruturas como a cápsula interna, o putâmen e o tálamo.

AFASIA	DESCRIÇÃO
Anômica	Localização da lesão: córtex temporal anterior esquerdo. Fala fluente ou não fluente. Sinais principais: leitura e escrita preservadas, boa articulação dos sons da fala, ausência de parafasias, boa repetição e compreensão auditiva, mas nomeação comprometida.
de Broca	Localização da lesão: Parte inferior da 3ª circunvolução frontal do hemisfério esquerdo ou do hemisfério dominante. Fala não fluente. Sinais principais: redução da linguagem expressiva, fluxo de fala com interrupções, presença de fala laboriosa, mas com significado, presença de agramatismo e com maior preservação de nomes e verbos, pausas de grau variado, dificuldade em nomeação e na repetição de palavras e/ou sentenças, reconhecimento das incorreções na fala, melhor performance na leitura do que na escrita e problemas leves de compreensão.
de condução	Localização da lesão: rompimento de informações nas regiões que conectam a área de Wernicke com a área de Broca. Fala fluente. Sinais principais: dificuldade em repetir palavras, principalmente as sem significado, embora haja compreensão e produção de fala fluentes, bem articulada e com significado. Há presença de parafasias, dificuldades em graus variados para nomear, reconhecimento dos próprios erros e problemas de leitura leves/moderados. As habilidades de escrita apresentam-se bem preservadas. Em alguns casos há dispraxia oral.
de Wernicke	Localização da lesão: córtex auditivo de associação, localizado no giro superior do lobo temporal do hemisfério esquerdo. Fala fluente. Sinais principais: dificuldade de compreensão, fala fluente com aparente gramaticalidade (melodia e ritmos adequados), jargonofasia, dificuldade em traduzir “os pensamentos em palavras” (perda de memória dos sons das palavras”, dificuldades moderadas/severas na nomeação, na repetição de palavras e/ou frases e problemas moderados de leitura e escrita. Área mais importante para a compreensão da fala. O paciente sente que algo está errado em sua fala, mas não consegue identificar o problema.
Global	Localização da lesão: Extensão entre os lobos frontal, parietal e temporal. Fala não fluente. Sinais principais: Anomia, possível presença de dispraxia, habilidades comprometidas nas tarefas de repetição e nomeação, e dificuldades sensíveis tanto na compreensão como na expressão da linguagem oral e escrita.
Transcortical motora	Localização da lesão: área cerebral anterior esquerda, envolvendo a área motora suplementar; ocorre uma interrupção nas conexões das estruturas suplementares na área externa à área de Broca. Fala não fluente. Sinais principais: fala não fluente, mas bem articulada, compreensão razoavelmente preservada, habilidades de repetição intactas, inclusive para sentenças mais longas, dificuldade com a fala espontânea, sintaxe mais limitada e dificuldade na nomeação.
Transcortical sensorial	Localização da lesão: região temporoparietal, com possível envolvimento do córtex auditivo, do córtex visual e do giro angular. Fala fluente. Sinais principais: parafasia, repetição ecológica preservada, habilidades de nomeação com problemas de moderados a severos. Compreensão auditiva, leitura e escrita comprometidas. Conhecida também como afasia de Wernicke tipo II e bastante associada à doença de Alzheimer.

Quadro 1 – Descrição das afasias corticais

Fonte: quadro desenvolvido pela autora, com base em Mac-Kay et al. (2003).

Em 2016, novos estudos de cunho cognitivo foram desenvolvidos e destacam que o Modelo Clássico Broca-Wernicke, desenvolvido por Norman Geschwind, que analisa as funções da linguagem através de localizações cerebrais, é obsoleto e não é mais adequado para pensar a reabilitação afasiológica (TREMBLAY; DICK, 2016).

Evidencia-se a relevância das pesquisas cognitivas para os estudos afasiológicos, na medida em que corroboram a localização da lesão cerebral e a identificação de habilidades afetadas, porém entende-se que esses estudos não condizem com o processo reabilitatório como um todo, uma vez que são deixados à margem os principais fatores a serem investigados, como a subjetividade do sujeito afásico, a sua identidade, a sua cultura e a maneira como o sujeito utiliza sua linguagem residual, em situações enunciativas.

Enquanto isso, a neurolinguística enunciativo-discursiva, distante dos estudos cognitivos, utiliza as práticas sociais como método de intervenção para a reabilitação afasiológica, de forma que as habilidades relacionadas à compreensão e à expressão são reestabelecidas por meio de interações discursivas, uma vez que desempenham papel significativo e privilegiado na (re)construção da subjetividade e da identidade cultural (SENHORINI et al., 2016).

4.2 Grau de Severidade

Segundo Jakubovicz (2004), o conceito de severidade das afasias está relacionado diretamente com o diagnóstico e com o prognóstico de cada caso. Através do conceito de severidade é possível verificar se a reabilitação do paciente será profícua ou não.

Os fatores que devem ser considerados são:

(1) tempo transcorrido após a lesão para início da reabilitação;

(2) frequência das sessões: esse fator é um dos mais importantes, porém, devido ao alto custo, poucas pessoas têm possibilidade de garantir a assiduidade nas sessões terapêuticas;

(3) idade: quanto mais jovem for o paciente, melhor o prognóstico, pois a plasticidade neuronal e os circuitos neuropsicológicos se organizam melhor e de forma mais rápida. Já com os infantes é diferente, uma vez que as crianças desenvolvem a linguagem escrita a partir dos sete anos de idade;

(4) personalidade pré-mórbida: quanto mais persistente for o paciente frente às dificuldades, disciplinado, de humor estável e amistoso, dinâmico e empreendedor, sem tendência à depressão e otimista, mais fácil será a chance de vencer a afasia;

(5) competência e desempenho linguístico pré-mórbidos: quanto maior a competência e mais desenvolvido o desempenho linguístico, mais motivação a pessoa terá para os exercícios de linguagem e, apesar da extensão da lesão, mais facilidade para aceitá-los e compreender sua utilidade; e

(6) ambiente familiar: quanto mais conscientizada e colaboradora for a família, melhor será o prognóstico de reabilitação.

5 | CULTURA

Clyde Kluckohn, em 1944, através da obra *Mirror for Man*, elencou possíveis conceitos sobre cultura:

o modo de vida global de um povo; (2) o legado social que um indivíduo adquire do seu grupo; (3) uma forma de pensar, sentir e acreditar; (4) uma abstração do comportamento; (5) uma teoria, elaborada pelo antropólogo, sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente; (6) um celeiro de aprendizagem em comum; (7) um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes; (8) comportamento aprendido; (9) um mecanismo para a regulamentação normativa de comportamento; (10) um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros homens; (11) um precipitado da história (GEERTZ, 1989, p. 14).

Geertz (1989) reitera que a definição de ‘cultura’ é vasta. Não há apenas um conceito para defini-la, ou uma direção a ser seguida, simplesmente pelo fato de haver muitas rotas. Portanto, é necessário optar.

De modo geral, “nada é puramente natural do homem. Mesmo as funções humanas que correspondem a necessidades fisiológicas, como a fome, o sono, o desejo sexual, etc, são informados pela cultura”. As sociedades nos fornecem as respostas para essas necessidades (CUCHE, 2002, p. 11).

Margaret Mead foi engenhosa ao afirmar que o indivíduo não recebe a cultura através de sua herança genética. O indivíduo se apropria de sua cultura no decorrer da vida, porém não adquire integralmente a cultura de seu grupo (CUCHE, 2002).

Cada cultura exalta um estilo próprio que é expresso através da linguagem, das crenças, dos costumes, da arte e do comportamento de cada indivíduo (CUCHE, 2002).

Em outras palavras, Kramsh (2001, p. 6) ressalta que crenças, atitudes e valores comuns estão refletidos na maneira com que os membros de um grupo utilizam a linguagem. A partir do uso da língua, das diversas formas de comunicação e interação, da alimentação adotada, da vestimenta utilizada e dos valores culturais abordados, é possível identificar a região de origem de um determinado indivíduo. Aqui, refiro-me ao local em que a pessoa (con)vive, não sendo necessariamente o ambiente em que ela nasceu, mas, sim, o ambiente em que desenvolveu sua identidade cultural.

Entende-se, então, que a linguagem é

como um produto da cultura: uma língua em uso em uma sociedade reflete a cultura geral da população. Mas, em outro sentido, a linguagem é uma parte da cultura; ela constitui um de seus elementos, [...]. Mas isso não é tudo: pode-se também tratar a linguagem como condição da cultura e por duas razões; é uma condição diacrônica, pois é sobretudo por meio da linguagem que o indivíduo adquire a cultura de seu grupo; educa-se, instrui-se a criança pela palavra; ela é criticada ou elogiada com palavras. [...] A linguagem aparece também como condição da cultura, na medida em que a cultura possui uma arquitetura similar à linguagem (CUCHE, 2002, p. 94).

A linguagem deve ser entendida como prática social. Lévi-Strauss, de forma inteligente, relaciona linguagem e cultura, afirmando que

o problema das relações entre linguagem e cultura é um dos mais complicados que existem. Pode-se primeiramente tratar a linguagem como um produto da cultura:

uma língua em uso em uma sociedade reflete a cultura geral da população. Mas, em outro sentido, a linguagem é uma parte da cultura; ela constitui um de seus elementos, [...]. Mas isso não é tudo: pode-se também tratar a linguagem como condição da cultura e por duas razões; é uma condição diacrônica, pois é sobretudo por meio da linguagem que o indivíduo adquire a cultura de seu grupo; educa-se, instrui-se a criança pela palavra; ela é criticada ou elogiada com palavras. Colocando-se em um ponto de vista mais teórico, a linguagem aparece também como condição da cultura, na medida em que a cultura possui uma arquitetura similar à linguagem (1968, p. 78-79).

A linguagem é uma das principais regionalidades de uma região cultural. Arendt (2012, p. 90) afirma que “regionalidades são, assim, especificidades que integram e constituem uma paisagem cultural”; são particularidades que diferenciam uma região da outra. Tais características estão em constante transformação, uma vez que as pessoas e a sociedade também estão.

Ainda para o autor, “a regionalidade de certos elementos culturais nem sempre se faz presente ou pode se manifestar em todos os espaços sociais de uma região. Isso porque as regiões não são homogêneas do ponto de vista cultural, podendo abrigar manifestações aparentemente díspares entre si” (p. 88). Arendt explica que a região não engloba apenas o espaço, mas também os significados que lhe são atribuídos (p. 91).

Os fatores socioculturais são extremamente relevantes para a reabilitação de um distúrbio de linguagem, como a afasia, pois fornecem informações significativas ao profissional acerca da região cultural em que o afásico se desenvolveu linguisticamente e do meio em que vive. Esses fatores permitem entabular boas condutas para que os padrões de conectividade na área neurológica lesionada sejam reestabelecidos da melhor forma possível.

6 | IDENTIDADE

Conforme Stuart Hall (2006, p. 38)

a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes e não algo inato existente na consciência no momento do nascimento. Para o autor, sobre a identidade, há sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado. Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’.

Cuche (2002) problematiza a questão, atribuindo para a identidade um caráter tanto de inclusão quanto de exclusão, uma vez que a identidade caracteriza um determinado grupo. De certa forma, os componentes do grupo são idênticos, a partir de um ponto de vista, cujas características os diferenciam de outras pessoas e outros grupos. Assim, a identidade cultural é estabelecida a partir das diferenças culturais.

A identidade social, necessariamente, pressupõe diferença, a qual é criada, principalmente, pelo anseio de fazer-se diferente, o que acarreta o surgimento de certas especificidades de identidade (CUCHE, 2002).

De modo geral, reconhecer a identidade e a cultura do afásico significa proporcionar

a ele um caminho mais curto para a reabilitação, e, para isso, é fundamental reconhecer as suas necessidades, tendo em vista as suas características individuais e de seu meio social. Além disso, esses fatores possibilitam que o fonoterapeuta identifique as melhores estratégias para conduzir o tratamento fonoaudiológico.

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio teve como objetivo ressaltar o quão importantes são os fatores identitários e socioculturais para o processo de reabilitação de um distúrbio de linguagem, como a afasia.

Através dessas categorias, é possível que o fonoterapeuta reconheça as necessidades apresentadas pelo afásico, tendo em vista o desempenho linguístico do paciente antes da lesão cerebral e a sua cultura.

Além desses fatores, devem ser analisados também, a personalidade, a competência e o desempenho linguístico pré-mórbidos, e o ambiente familiar. Por isso, a necessidade de entender o papel da identidade e da cultura na reabilitação da afasia e o quanto esse entendimento faz diferença no resultado final.

A identidade revela a cultura de um povo e a língua carrega consigo traços da identidade de seus falantes. Verifica-se que aspectos culturais e ideológicos refletem-se nela. Muitas vezes, o método adotado para tratar um paciente não é funcional para o outro. Assim, respeitar e entender a identidade individual e social do sujeito são formas de conduzir a reabilitação ao sucesso.

Por fim, a afasia nunca deve ser tratada isoladamente aos costumes, as vivências, as crenças e as experiências advindas do paciente afásico. Elas são peças-chave, que auxiliarão no reestabelecimento do desempenho linguístico.

REFERÊNCIAS

ARENDETT, João Claudio. Do outro lado do muro: regionalidades e regiões culturais. RUA [online]. 2012, no. 18. Vol. 2.

CHEVRIE-MULLER, Claude; NARBONA, Juan. A linguagem da criança: aspectos normais e patológicos. Porto Alegre: Artmed. 2005.

CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. 2ª Ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOODGLASS H.; KAPLAN E. Assessment of aphasia and related disorders. Philadelphia: Lea & Febiger; 1972

HALL, Stuart. A Identidade cultural na pós-modernidade. 10ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005

JAKUBOVICZ, Regina. Avaliação em voz, fala e linguagem. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

KRAMSCH, Claire. *Language and culture*. New York: Oxford University Press, 2001

LAMPRECHT, Regina Ritter Lamprecht et al. *Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Structural Anthropology*. The Penguin Press, 1968.

MAC-KAY, A. P. M. G. et al. *Afásias e demências: avaliação e tratamento fonoaudiológico*. São Paulo: Santos, 2007

MOUSINHO, Renata et al. *Aquisição e desenvolvimento da linguagem: dificuldades que podem surgir neste percurso*. *Revista Psicopedagogia*, v. 25, n. 78, p. 297-306, 2008.

PRATES, Letícia Pimenta Costa Spyer; MARTINS, Vanessa de Oliveira. *Distúrbios da fala e da linguagem na infância*. *Revista Médica de Minas Gerais*, Minas Gerais, 2011.

SCHIRMER et al. *Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem*. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro, v. 80, n. 2, 2004.

SENHORINI, Gisele et al. *O processo terapêutico nas afásias: implicações da neurolinguística enunciativo-discursiva*. *Revista CEFAC*. v. 18, n. 1. 2016.

Sociedade Brasileira de Doenças Cerebrovasculares. Disponível em: <<http://www.sbdcv.org.br/>>. Acesso em: 20 set. 2016.

TREMBLAY, Pascale; DICK, Anthony Steven. *Broca and Wernicke are dead, or moving past the classic model of language neurobiology*. *Brain and Language*, v. 162, 2016, p. 60-71

VAN HOUT, A. *Afasia da Criança*. In: CHEVRIE-MULLER, Claude; NARBONA, Juan. *A linguagem da criança: aspectos normais e patológicos*. Porto Alegre: Artmed. 2005.

ZORZI, J. L. *Aspectos básicos para compreensão, diagnóstico e prevenção dos distúrbios de linguagem na infância*. *Psicopedagogia*. Associação Brasileira de Psicopedagogia, São Paulo, v. 2, n.1, p. 11-15, 2000.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-85107-12-3



9 788585 107123